

## Introdução

O Programa Voz Indígena na Agenda Cultural estreou em 04/07/2021, como Programa "Voz Indígena – uma experiência cinematográfica". Teve sua segunda edição no domingo, dia 18/07, e depois sempre quinzenalmente, até o dia 12/09/2021. Desde o ano de 2017, o programa Voz Indígena já existia pela Rádio UFSCar 95,3 FM. O Grupo de Pesquisa LEETRA (CNPq), sob a coordenação da professora doutora Maria Sílvia Cintra Martins (DL/UFSCar), foi o responsável pela produção técnica, com apoio SeaD/UFSCar, sendo uma atividade PROEX/Agenda Cultural. O grupo LEETRA/UFSCar conta com três linhas que se relacionam com a questão indígena: Línguas Indígenas; Letramento e comunicação intercultural; e Estudos de Tradução e Poética, que aborda a tradução de cantos e narrativas indígenas. O programa foi transmitido pelo YouTube, sem necessidade de inscrição prévia. A playlist, renovada quinzenalmente, pode ser visitada em:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLKU0YGXsvQx6eteR1mkyBoex5E7x-1ql3>

A Revista LEETRA Indígena, por sua vez, possui 17 volumes publicados em papel e em formato digital, que podem ser acessados em: [http://www.leetra.ufscar.br/pages/revista\\_leetra\\_indigena](http://www.leetra.ufscar.br/pages/revista_leetra_indigena). LEETRA Indígena acolhe, preferencialmente, artigos, resenhas, ensaios, relatos, autobiografias, poemas, crônicas, contos ou outras modalidades de textos verbais e não verbais de indígenas de diferentes etnias brasileiras ou de outros países.

Acolhe, também, textos de diferentes modalidades escritos por autores não indígenas que tenham como temas: descrição de línguas e culturas indígenas; literatura indígena; artes verbais ameríndias; etnomusicologia; etnomatemática; astronomia indígena; história dos movimentos indígenas; resistência, resiliência e territorialidade.

O momento atual confronta-nos com grandes desafios que herdamos do século XX. Entre eles estão a continuidade na luta pela garantia efetiva dos direitos indígenas já estabelecidos na letra da Constituição de 1988, em conjunto com a lei 11.645/08, segundo a qual “nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”.

No Grupo de Pesquisa LEETRA, na Universidade Federal de São Carlos, temos nos voltado à realização de ações que buscam corresponder a esses e a outros desafios, seja na pesquisa voltada à produção de livros bilíngues para utilização na educação de aldeia, seja na produção de material de apoio ao trabalho do professor em sala de aula, tanto na aldeia como nas demais escolas brasileiras, que muitas vezes se sente sem recursos para poder dar cumprimento à lei mencionada acima. Ultimamente, também com a produção de jogos com temática indígena: o primeiro será publicado para download gratuito em dezembro/2021, com o título: “*Jeriguigui e o Jaguar*”, e estará disponível no endereço eletrônico do grupo de pesquisa LEETRA (<http://www.leetra.ufscar.br>).

Em 2014, juntando esforços com professores e educadores do Alto Rio Negro (AM), publicamos edição especial da Revista LEETRA Indígena, com lições progressivas para a aprendizagem da língua nheengatu; já os números 15 e 16 da Revista LEETRA Indígena comportaram novas edições especiais, a primeira com a apresentação de plantas medicinais em edição trilingue (português/nheengatu/baniwa); a outra com mais elementos da língua nheengatu, dentro de uma proposta que foi construída em conjunto com professores de Santarém/PA. Já no número 17, “Escola Kariamã conta umbuesá”, publicamos resultados de pesquisa realizada na comunidade de Assunção do

Rio Içana, no Alto Rio Negro (AM), lá onde, conforme os professores autores do volume nos explicam, o nheengatu é primeira língua (L1) de alguns povos e língua franca na região, usada na comunicação entre os povos e adotada por povos de origens as mais variadas como marca de sua indigeneidade.

No caso de materiais didáticos bilíngues como Nheengatu Tapajowara (LEETRA Indígena 16) e "Escola Kariamã conta umbuesá" (LEETRA Indígena 17), vemos na sua utilização em sala de aula diversos destaques para o trabalho pedagógico:

1. Contribuem para a implementação da lei 11.645/08;
2. Seja na Educação Indígena Diferenciada, seja nas escolas regulares, de toda forma muitas vezes os próprios professores não possuem todo o conhecimento das línguas indígenas, já que elas se encontram em processo de revitalização e a existência de livros didáticos bilíngues pode contribuir – e muito – para sua redescoberta por todos, tanto pelos professores, quanto pelos alunos.

É interessante relatar que na região do Alto Rio Negro, onde foi produzido o material da Revista LEETRA Indígena 17 e à qual o Programa Voz Indígena também faz referência, existem diferentes comunidades indígenas cujas línguas encontram-se extintas ou possuem poucos falantes, de tal maneira que parte da população, ao passar a reconhecer sua identidade indígena, vê na língua nheengatu um instrumento de luta e uma forma de resgate, de retomada de sua indigeneidade. Ali, como em algumas outras regiões brasileiras, o nheengatu possui funcionamento linguístico de língua franca, dentro de uma situação multilíngue especial, sendo que no município de São Gabriel da Cachoeira (AM), principal município dessa região, há quatro línguas cooficiais: o nheengatu, o tukano, o baniwa e o yanomami.

O Programa "Voz Indígena – uma experiência cinematográfica", por sua vez, teve como objetivos abordar temas como: o número de línguas e povos indígenas brasileiros, e sua situação de risco; educação escolar indígena; a lei 11.645/08 e a obrigatoriedade da temática indígena nas escolas brasileiras; dados geográficos, históricos e culturais sobre os povos indígenas, incluindo a literatura indígena; a relação, no Brasil, entre o indígena, o caboclo, o caiçara e o caipira. Sempre com muita música (indígena ou relacionada à temática).

Este número 18 - Edição Especial - da Revista LEETRA Indígena comporta uma coletânea de textos e imagens que remetem ao Programa "Voz Indígena – uma experiência cinematográfica", sendo uma forma que encontramos de atribuir maior divulgação ao mesmo. Uma novidade deste número é a tradução para o inglês desta apresentação, já que, por se tratar da primeira edição em *Open Journal*, esperamos, também, que comece a atrair leitores de outros países, considerando-se a língua inglesa como uma língua de estatuto global.

Já as demais experiências do Programa Voz Indígena veiculadas pela Rádio UFSCar podem ser acessadas no site [www.radio.ufscar.br/podcastfilter/voz-indigena](http://www.radio.ufscar.br/podcastfilter/voz-indigena).

Professora Maria Sílvia Cintra Martins – Grupo de Pesquisa LEETRA - UFSCar